

Casa da Árvore – uma aplicação social da psicanálise

Comparações preliminares entre a experiência francesa e a experiência numa favela carioca.

O trabalho surgiu da preocupação de um grupo de psicanalistas com o crescente número de crianças abandonadas pela cidade, vítimas e agentes de violência, perpetuando um ciclo perverso. Encontramos na idéia da Casa Verde, criada na França por Françoise Dolto, inspiração para iniciar uma experiência brasileira com populações de baixa renda. Éramos uns dez profissionais, lendo e discutindo os textos de Dolto, e pensando onde ele se realizaria. Havia expectativa e medo em relação à ida à favela. As primeiras vezes íamos num carro da Uerj, o que nos dava mais segurança, sentindo-nos como turistas numa visita guiada à Rocinha. Passamos, então, a nos reunirmos numa sala cedida pelo Centro Comunitário Lídia dos Santos, no Morro dos Macacos, uma favela de Vila Isabel, uma construção cheia de escadas e vielas em várias direções. Logo passamos a ir em nossos próprios carros, e conseguimos verbas para reformar uma espaço onde iríamos trabalhar. Ficou ótimo: uma sala de 4 por 4, que por meio de uma grande porta se comunica com um quintal cimentado. Temos brinquedos dentro de caixas plásticas, um pequeno escorrega, dois velocípedes e mesas e cadeiras para as crianças e adultos e um tanquinho de água. Construímos um banheiro com instalações para crianças e adultos e um trocador de fraldas. Na entrada colocamos um quadro negro onde se anota o nome de cada criança que chega e o de seu acompanhante. Para realizarmos as reformas e adquirirmos materiais, recebemos algumas contribuições em dinheiro de uns amigos franceses, vendemos camisetas com o logotipo da casa pelo absurdo preço de vinte reais, uma comerciante da Tijuca (Novamente) doou parte da renda de sua liquidação, e finalmente, a partir de nossa legalização como ONG, uma empresa de petróleo texana (Ocean Energy) passou a colaborar mensalmente.

Deixando clara nossa origem, nos denominamos Casa da Árvore por ficarmos sob a sombra da mangueira do vizinho. Estão se completando dois anos que a idéia surgiu. Já é possível um balanço e uma comparação entre realidades e demandas européia e brasileira.

Primeira “especificidade” brasileira: na favela, o espaço geográfico de cada família se sobrepõe a de outra, muitas pessoas habitam o mesmo cômodo, as conversas e as privacidades se envolvem umas nas outras e se misturam, fazendo tênue a separação entre público e privado. O espaço do privado muitas vezes só pode ser mantido pelo silêncio ou ampliado pelo grito.

Como na França, temos equipes de três profissionais trabalhando em cada turno (lá, apenas um psicanalista, aqui três), sendo um deles homem. Temos tido dificuldades em encontrar homens para todas as equipes, mas sem dúvida a presença de um homem modifica a dinâmica e mobiliza atitudes diferentes, especialmente nas crianças. Acolhemos crianças até 5 anos, acompanhadas de um adulto tutelar, para trabalharmos na ponte entre núcleo familiar e mundo social. Dolto preconiza os turnos de três profissionais como forma de evitar uma transferência pessoal que faria o trabalho se transformar basicamente numa atuação clínica, retirando o psicanalista de seu papel de agente social que possibilita a diminuição e a elaboração de tensões nas relações familiares através da verbalização de não-ditos, evitando que se transformem em nós subjetivos.

Observamos que a transferência com um ou outro profissional é clara e inevitável, como era de se esperar. Porém, a atuação em equipe permite manejar esta transferência não no sentido da regressão e da relação a dois, mas no sentido da ampliação destes vínculos, no sentido da socialização. Por exemplo, se uma criança só quer se relacionar com um dos profissionais, o outro pode dizer coisas como “puxa, eu também queria brincar com você... você não quer ser meu amigo também? Podemos brincar os três” ou, para os mais ciumentos, “ah, você tá querendo que eu fique com ciúme pra eu ver como é ruim, não é?” Simultaneamente, os adultos acompanhantes descobrem um ambiente social onde dividem

com outros adultos suas aflições, dúvidas e descobertas sobre seus filhos, percebendo que não são os únicos a terem determinados sentimentos e dificuldades e criando laços sociais cooperativos no território dos afetos. A palavra plena passa a poder circular, e a fala pode ser utilizada não só como troca utilitária (signo) mas em sua força simbólica, diminuindo a passagem a ato e conseqüentemente a violência. A informalidade e a descontração da equipe (e dos adultos e crianças que vão se tornando usuários constantes) permitem que os conflitos apareçam com naturalidade e sejam acolhidos. Por exemplo, na mãe que se constrange porque o filho ataca os coleguinhas e não quer deixá-lo brincar e ouve da outra –“ ih, o meu também era assim quando viemos pra cá...você vai ver como ele vai melhorar..”, iniciando um diálogo onde os profissionais naturalmente se inserem e puxam a criança para a conversa. *Pois uma das funções primordiais do trabalho é que adultos falem COM as crianças, e não apenas DAS crianças, desalienando-as de uma posição de objeto passivo e ajudando-as a ocupar um lugar de sujeito atuante nas trocas sociais.*

Para haver troca social necessita-se de leis. A experiência francesa institui duas delas – o uso do avental de plástico quando se brinca com água e a “linha vermelha” que delimita o espaço onde se pode andar de velocípede. Duas normas que introduzem os pequeninos nas peculiaridades e utilidades das leis. Ambas fazem sentido para eles como algo que os frustra mas também os protege – de serem atropelados por outros velocípedes ou de sentirem frio ao saírem molhados no clima europeu. Também servem para mostrar que a lei do social nem sempre é igual a lei de mamãe – mesmo que mamãe não se incomode com roupas molhadas ou ache que hoje esta quente e é bom se molhar, na Maison Verte isso não é assim. E as mães também podem ser ajudadas a superar sua frustração de deixarem de ser as únicas legisladoras sobre vida de seus bebês. Nossa experiência teve que descobrir suas próprias leis, após um

breve período colonizado em que achamos que bastava copiar a lei francesa. Como nossa casa tem um pequeno quintal, que se une com a parte coberta, nossa “linha vermelha” passou a ser o umbral da porta. Ou seja, velocípede só lá fora. E como o calor é insuportável e a água da Cedae escassa, as crianças podem se molhar se as mães o permitirem, mas não podem deixar as torneiras do tanquinho abertas nem brincar de jogar baldes e baldes d’água no chão apenas pelo prazer de fazê-lo. Como a falta d’água faz parte sensorial de seu cotidiano, logo- logo até os mais pequeninos entendem a justiça desta limitação. Além disso, a brincadeira com água é um excelente espaço para as crianças explorarem os prazeres e as possibilidades das tentativas de transgressão.

Outra constante das Casas Verdes é a escada com um espelho que serve para os pequenos subirem e se verem da altura dos adultos. Destinam-se a ajudar na integração da imagem corporal, a servirem para proporcionar ludicamente a experiência de serem ajudados por um adulto a ficarem da mesma altura destes, ou seja, de crescerem e de se verem no espelho como tal. Colocamos nossa escada e nosso espelho. Alguns pequenos se interessam por eles, mas poucos. Talvez a favela já tenha escadas demais e este tipo de experiência não traga novo prazer...

As equipes de trabalho francesas são constituídas por um psicanalista e outros dois profissionais de saúde que tenham passado por contato com a psicanálise. Os psicanalistas fazem turnos de três horas e os outros profissionais fazem turnos de cinco horas. Nossas equipes, diferentemente, trabalham quatro horas e são constituídas por psicanalistas de diferentes orientações teóricas e estagiários de psicologia que se interessam por psicanálise. Dolto tem a preocupação de mostrar que o trabalho do psicanalista não se assimila ao do psiquiatra, que sua função não é a eliminação de sintomas ou o tratamento de patologias, mas a de “beber a angústia” (Dolto. 1986:15). E que, nas Maisons Vertes, a função do psicanalista é falar incansavelmente, diferentemente da prática clínica nos

consultórios, com a intenção de trabalhar nas mediações imaginárias que suportam a simbolização nas relações humanas. Os pais franceses são avisados de que não podem se consultar com os psicanalistas que trabalham na instituição. Obviamente, os problemas que se colocam na realidade de uma favela carioca são outros. Não nos preocupa tanto se a visita à Casa da Árvore foi mobilizada por uma busca de tratamento ou por uma compreensão plena do que significa “um lugar pra brincar e conversar” como nos intitulamos. A carência de profissionais de saúde de qualquer especialidade é grande e a de informação maior ainda. Estamos tendo que lidar com o preconceito que descobrimos existir sobre “crianças com problemas”. Muitas famílias têm receio de que se suas crianças forem vistas na Casa da Árvore serão consideradas “crianças com problemas” e estigmatizadas na comunidade. No momento estamos tentando entender melhor qual a tessitura desta formulação. Já percebemos que não é idêntica à fantasia comumente vista na classe média de que quem vai ao analista ou ao psiquiatra é louco (fantasia esta que vem sendo desmontada há décadas pelos profissionais e pela mídia e que já não é tão pregnante) . Temos a impressão de que “criança com problema” funciona mais como uma acusação aos pais, algo que levanta uma suspeição sobre a família e que afasta a criança da circulação livre entre outras crianças. Estamos percebendo que o fato dos pais serem convocados a estar presentes na Casa da Árvore é visto, por princípio, como prova de que algo vai mal com a criança, já que nas escolas e até mesmo na creche da comunidade os pais só são requisitados para ouvir queixas sobre o comportamento das crianças. Diferentemente do que nos transmitem os textos europeus, que falam de uma sociedade construída sobre os nomes de família e as origens ancestrais ,que muitas vezes apagam a especificidade do sujeito, a sociedade brasileira é constituída por prenomes e pelo esquecimento das origens. Ao somarmos esta faceta histórica às condições sociais precárias e às novas normas de sociabilidade, com constituições familiares instáveis e muitas vezes chefiadas por mulheres, temos um vasto campo de pesquisa sobre a transmissão da filiação nas sociedades contemporâneas. Como no caso de Seu Luiz, pai de 6 e ex-menino de rua, cujos filhos levam seu prenome – Luiz Vinicius, Rafael Luiz, ou Francisco Luiz, iniciando uma linhagem

forte, realmente marcada “pelo nome do pai”, estrito senso. Ou o caso de Cosme, 4 anos, que mandado com quase dois anos para ser criado no Rio de Janeiro por uma tia avó, se transforma em Celso, do qual se espera que esqueça a Paraíba e se apegue ao Marrocos da telenovela.

A Maison Verte atende crianças até 3 anos, e algumas congêneres européias recebem crianças até 4 anos, já que o trabalho visa auxiliar a entrada da criança no mundo do simbólico e na socialização, através da verbalização dos sentimentos e dos não ditos de sua família de origem, e a ajudar a criança a se assumir sujeito falando-se com ela e não sobre ela. O trabalho na favela carioca nos possibilitou observar algo que não esperávamos – as crianças da comunidade falam muito mais tarde e muito menos do que as crianças com as quais estávamos acostumadas a lidar em nossa classe social. Aliás, para surpresa de alguns de nós, os adultos também falam pouco. Um olhar mais superficial faria supor que o fato das casas se superporem e dos cômodos terem de ser divididos entre muitos faria com que as pessoas se conhecessem mais, seja no âmbito da família, seja pela vizinhança. Mas parece que as coisas não se passam assim. Talvez porque o espaço do privado só possa ser efetivado pelo silêncio, já que qualquer conversa será ouvida pela família ou pelos vizinhos, talvez porque este silêncio sobre o sujeito já esteja perpetuado transgeracionalmente, já que muitas famílias são compostas por imigrantes recentes, provenientes de populações do interior do país onde se observa um uso muito limitado da palavra. Mas o fato é que existe um grande atraso na fala das crianças e no processo de socialização. No momento estamos recebendo crianças de até 5 anos, pois geralmente se encontram num estágio de desenvolvimento muito similar aos menores. Há crianças ainda maiores que podem se beneficiar muito do trabalho, e gostaríamos muito de recebê-las, porém temos observado nos casos em que os responsáveis trazem, além dos pequenos, uma criança mais velha, que a dinâmica fica muito complicada de lidar, pois as brincadeiras começam a se tornar perigosas para os menores e as mães começam a ficar aflitas com o risco (real) dos maiores machucarem os bebês ainda que não tenham intenção. Talvez se o espaço do quintal fosse

suficientemente grande os maiores pudessem ser igualmente recebidos, aumentando o alcance do trabalho.

Outra especificidade do trabalho numa comunidade carente são as questões advindas da brutal diferença de classe social entre profissionais e público alvo. Seu lado mais positivo é que a relação afetiva igualitária com profissionais de classe média que não têm uma postura caritativa nem assistencialista, mas que se apóiam numa ética de respeito ao sujeito em sua diferença, serve de suporte para o narcisismo dos adultos mais carentes e ajuda no seu processo de valorização. Observamos que diversas mães que estavam “conformadas” com sua pobreza e com o fato de “não poderem trabalhar por causa das crianças” ou que “já tinham procurado trabalho, mas não tinham encontrado”, descobrem ocupações que lhes permitem aumentar a renda e cuidar das crianças, e tomam tal atitude a partir da descoberta de que as psicólogas saem da Casa da Árvore e trabalham em seus consultórios até a noite. Assim como, ao verem o prazer dos pequenos em desenhar em suas mesinhas e de brincar num espaço seu, comentam que resolveram colocar em uso a escrivaninha que a patroa lhes presenteara ou arrumar um quarto para o filho que até então compartilhava o cômodo com os pais por inércia destes. O aspecto mais difícil de lidar, mas nem por isto menos instigante como área de reflexão, são questões sobre como diferenciar as mães que se sentem “obrigadas” por uma questão de submetimento social, a arrumarem os brinquedos quando terminam as atividades, daquelas que desejam realmente colaborar e ensinar os filhos a preservarem o que utilizam, ou discriminar o comentário “escola de pobre é tudo assim mesmo” feito por uma mãe que realmente constata que nas creches, sejam públicas ou privadas, que atendem populações de baixa renda não existe período de adaptação para as crianças, e está se insurgindo contra esta realidade, do mesmo comentário feito por outra que está numa posição de conformismo desesperançado ou de vitimização impotente.

O relato do acompanhamento de uma das crianças que freqüentam a casa da árvore assiduamente certamente esclarecerá melhor a dinâmica do trabalho.

Suzana tinha quatro anos. Assim que a vimos pela primeira vez não tivemos certeza se era menina ou menino. Vinha com o uniforme unissex da creche e se pendurava na mãe. Magrinha, despenteada e desengonçada, nos lembrou Mogli, o Menino Lobo, de Walt Disney. Ao invés de falar, gritava num tom agudíssimo e rascante sons indecifráveis e se agitava incansavelmente. Em resumo, Suzana não falava. Chegamos a suspeitar de algum comprometimento orgânico ou de psicose.

Enquanto Rosanne conversava com sua mãe Elisa num canto de quintal, Suzana pegava alguns brinquedos de forma estabanada, sem se deter em nenhum. Subia e descia num pequeno escorrega, de bruços e de costas, atabalhoadamente, e parecia não se interessar por nós. Observando melhor, Suzana estava conectada a tudo que sua mãe dizia a seu respeito. Encenava ali mesmo uma espécie de tradução simultânea das palavras da mãe. Se a mãe reclamava que ela havia escapado de casa para a rua, Suzana corria imediatamente para a porta de saída do quintal ameaçando fugir. Se a mãe dizia que ela havia se machucado caindo, ela atuava o episódio se atirando ao chão... Suzana estava ligadíssima a sua mãe e atuava tudo que ela falava. Não parecia ter vida própria. (O Outro de Suzana, a vivo e a cores?). Elisa também não se descola da filha. Qualquer pergunta dirigida à menina é prontamente respondida pela mãe, dificultando qualquer contato direto. Elisa revelava sua avidez pela nossa atenção e evidenciava sua indiferenciação em relação à filha. Suzana respondia da posição complemento/ apêndice da mãe. Colaborava com nossa impressão a maneira como Suzana desenhava de cabeça para baixo, ou seja, da perspectiva do outro, no caso Nanci, que estava a sua frente na mesinha.

Elisa está absorta, devorando a atenção que Rosanne lhe oferece, por ter percebido desde sua chegada seu estado emocional frágil e perturbado. Assim que lhe foi perguntado “como vão as coisas?” Elisa respondeu “tudo bem” mas ficou com os olhos mareados. Frente ao comentário – “como tudo bem, se você está chorando?”, despejou sua história. Conta então que esteve grávida uma vez antes de seu casamento com Eduardo, pai de Suzana, e que perdeu o bebê no final da gravidez por infarto de cordão. Quando Suzana nasceu e detectaram em problema cardíaco (sopro) ela se sentiu ameaçada e castigada confirmando

suas fantasias destrutivas enquanto mãe. Só nessa conversa Elisa compreendeu que nem todo infarto era cardíaco e que sua filha não estava condenada. Suzana foi operada com sucesso aos sete meses.

Elisa se queixa de tudo que vem passando – afastamento de sua família de origem, devido a desentendimentos de seu marido com sua mãe, da falta que sente de sua própria mãe, de não conseguir trabalho, do cansaço que Elisa lhe dá, do pouco dinheiro que sobra para suas comprinhas. Por sua descrição, fica claro que a relação de Elisa com a própria mãe era completamente simbiótica e de dependência absoluta. Eduardo entrou como terceiro, separando-as, para desespero de ambas. No decorrer de nossa relação com Elisa, observamos que a indiscriminação também tentava se impor ali. Não permitia qualquer conversa entre nós que não a incluísse, nos perseguindo até no banheiro.

Elisa e Suzana passam a vir todas as quartas feiras quartas, evidenciando um vínculo especial com a nossa equipe. Quase sempre eram as primeiras a chegar, garantindo um tempo de atenção exclusiva. Certa manhã, Elisa que sempre tinha sido muito arisca e arredia, surpreende Muanis logo que este chega, pulando no seu pescoço e beijando-o efusivamente. Passa a ser mais afetuosa fisicamente, se aninha no sofá com a cabecinha no colo de Muanis quando está gripada e mais regredida, dá beijinhos ao chegar e ao se despedir, após ter passado um período chorando quando anunciávamos a hora de ir embora. Mesmo com Suzana adoentada, Elisa comparecia com ela, evidenciando o quanto também precisava daquela relação estabelecida conosco. Chega a comentar :” Hoje eu vim porque já estava brigando muito com a Suzana, e quando eu venho grito menos com ela”.

Algum tempo depois de termos sugerido que Suzana aprendesse a nadar, Elisa voltou dizendo que “não ia dar” pois a aula de natação de Suzana e dela sairia mais caro do que era possível pagar. Não cogitara em pagar uma aula separada só para a filha, o que estaria dentro de suas possibilidades. Fica óbvio que Elisa precisava muito de nossa atenção para poder permitir que Suzana se separe gradualmente dela, liberando-a para poder ser.

Rosanne diz um dia para Suzana, que atuava a conversa da mãe com Nanci, que ela pode crescer e que não precisa mais ficar colada com a mamãe para que esta saiba que ela está viva, que a

mamãe é grande e sabe cuidar de si mesma. Imediatamente, Suzana pega uma pastinha na mão e se dirige à porta do quintal e nos surpreende falando com clareza: “vou trabalhar”. Repete várias vezes uma brincadeira de sair dizendo vou trabalhar, fechando a porta atrás de si, dando um tempinho e ao voltar, batendo à porta, chama pela primeira vez Nanci pelo nome, nos surpreendendo novamente de que soubesse. Esta abre a porta e ela volta exultante com sua pastinha dizendo orgulhosa “fui trabalhar”. Conversamos com ela sobre o pai dela, sobre o que ele fazia e de sua alegria quando este voltava para casa. Esta intervenção liberou-a para brincar e liberou a mãe para, igualmente, começar a trabalhar. Falando ainda com Elisa sobre a maneira de Suzana se expressar ali conosco, quase sempre gritando duas oitavas esguaniçadas acima de seu próprio tom, exceto quando representava o papel de pai, Nanci perguntou como era em casa, como elas se comunicavam. Elisa se dá conta então que só se dirige à filha aos berros, para repreendê-la. Nunca conversam em tom normal. Diz que Elisa é muito agitada, faz tudo errado e a deixa muito irritada e impaciente. Elisa berra “para” a toda hora. Conversamos com Suzana sobre isso – mamãe berra com ela e ela berra conosco, como se só fosse possível conseguir as coisas no grito e na intimidação.

Dentro de um ambiente maleável, de atenção e cuidado, com Suzana e sua mãe, colocando em palavras o que parecia não poder ser dito, as mudanças se evidenciam cada vez mais. Suzana, que antes só urrava, agora já pode falar no seu próprio tom de voz, contando do cachorrinho que morreu, do aniversário do primo Fernando e de como adora ir à piscina com ele. Quando fica muito excitada ainda volta a gritar ou quando muito enciumada nos belisca até que vai se acalmando com nossa própria tranquilidade ao nomear o que achamos que está ocorrendo. Durante algum tempo Suzana falava a partir de uma figura masculina, principalmente a de seu pai (temos a hipótese de que para se proteger da mãe, barrando-a, ela se refugia numa identificação precoce com o pai). Isto também é falado aos poucos com a mãe e com ela. Como se sente muito segura junto ao pai que é calmo, carinhoso, e firme com ela. Investimos em Elisa lhe oferecendo um olhar valorizado e apostando em sua capacidade enquanto mãe e mulher. Ela começa a vender produtos de beleza e dar aulas particulares de reforço para

crianças em recuperação. Passa a tratar Suzana como menina, fazendo penteados femininos e vestindo-a de modo feminino, fato que Suzana agora aceita. Suzana começa a se integrar melhor à escola e escapa da repetência. Ultimamente já consegue brincar com outras crianças, disputando corridas de velocípede, pulando corda e desenhando com outras crianças. Nos surpreendeu há pouco tempo chegando toda feminina com seu bebê no colo e dizendo “Trouxe o meu filho para a Casa da Árvore”. Se revela uma mãe carinhosa e cuidadosa, que deixa o bebê dormindo no carrinho enquanto vai brincar, volta de vez em quando para ver se ele está chorando, dá mamadeira com paciência infinita. Com Pedro, seu mais recente amigo, já brinca de casinha. Fazem comidinha para os filhos, pede que Pedro-marido a ajude na hora de colocá-los para dormir e fazem juntos uma super faxina na casa. Suzana começa a poder dividir e compartilhar e assim, através do brincar, vai se socializando e ampliando seu mundinho, agora também povoado por palavras e possibilidades de novos sentidos.

Esse exemplo ilustra nossa forma de trabalhar e mostra também como o ambiente facilita uma intervenção mais rápida e eficaz. Num consultório seria muito mais difícil chegarmos aos mesmos resultados. A própria dinâmica entre os profissionais é fator terapêutico na medida em que abre novas possibilidades identificatórias e novos modelos de comunicação e de vinculação. Grande parte das crianças e das famílias não freqüentam a Casa da Árvore com a assiduidade de Suzana e Elisa, e só algumas apresentam a gravidade sintomática deste caso. Mas em todos temos observado modificações importantes e um enorme aproveitamento de pequenas intervenções.

Trabalho apresentado por Luis Fernando Muanis, Rosanne Sigres e Nanci Moura na Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro em março 2003.